

**ESTUDOS
ARQUEOLÓGICOS
DE OEIRAS**

Volume 6 • 1996

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
1996

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 6 · 1996

ISSN: 0872-6086

COORDENADOR E

RESPONSÁVEL CIENTÍFICO - João Luís Cardoso

CAPA - João Luís Cardoso

FOTOGRAFIA - Autores assinalados

DESENHO - Bernardo Ferreira, salvo os casos
devidamente assinalados

PRODUÇÃO - Luís Macedo e Sousa

CORRESPONDÊNCIA - Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho
de Oeiras - Câmara Municipal de Oeiras
2780 OEIRAS

Aceita-se permuta

On prie l'échange

Exchange wanted

Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS - João Luís Cardoso

MONTAGEM, IMPRESSÃO E ACABAMENTO - Palma Artes Gráficas, Lda. - Mira de Aire

DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

NOVOS ELEMENTOS PARA O ESTUDO DO NEOLÍTICO ANTIGO DA REGIÃO DE LISBOA ⁽¹⁾

João Luís Cardoso⁽²⁾, Júlio Roque Carreira⁽³⁾ & O. da Veiga Ferreira⁽⁴⁾

1 - INTRODUÇÃO

No decurso da revisão de espólios arqueológicos da região de Lisboa, identificaram-se em duas estações pré-históricas do concelho de Loures - o povoado das Salemas e a gruta do Correio-Mor - materiais cuja tipologia os remete para o Neolítico antigo evolucionado. Trata-se, exceptuando duas peças líticas, de materiais cerâmicos, essencialmente com decorações incisas; o quase desconhecimento, até ao presente, na região, de materiais deste tipo, esteve na origem do presente estudo.

2 - CONDIÇÕES DA JAZIDA

2.1 - Pedreira das Salemas (Loures)

Trata-se de plataforma somital rochosa, dominando de um lado o profundo vale da ribeira de Loures e, do outro, vasta encosta com pendor suave para o vale do Tejo, situado a Sul. A sua superfície, constituída por bancadas de calcários duros do Cretácico (Cenomaniano superior) encontra-se interrompida por fendas de origem cársica, formando por vezes algares, observados na frente da pedreira actualmente existente no local, recentemente reativada, em consequência da extracção de pedra para a construção da auto-estrada adjacente. As coordenadas são: 38° 52' 38" lat. N; 9° 11' 58" long. W de Greenwich (Fig. 1).

A exploração da pedreira esteve na origem da descoberta da estação. Com efeito, as cavidades cársicas encontravam-se superiormente colmatadas por terras argilo-humosas, castanho-avermelhadas a anegradas, com abundantes materiais neolíticos e calcolíticos, além de numerosos restos osteológicos. Os materiais arqueológicos foram sendo recolhidos no decurso de sucessivas visitas ao local, por G. Zbyszewski e O. da Veiga Ferreira, aquando da exploração da pedreira, nas décadas de 1950 e 1960, tendo sido já objecto de diversas publicações. A primeira, de CASTRO &

⁽¹⁾ *Coordenação do primeiro signatário.*

⁽²⁾ *Professor da Universidade Nova de Lisboa. Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras - Câmara Municipal de Oeiras. Da Academia Portuguesa da História, da Associação dos Arqueólogos Portugueses e da Associação Profissional de Arqueólogos.*

⁽³⁾ *Rua Inácio de Sousa, n.º. 5, 4.º andar. 1500 Lisboa.*

⁽⁴⁾ *Instituto Geológico e Mineiro. Rua da Academia das Ciências, 19, 2.º. 1200 Lisboa.*

FERREIRA (1959), refere-se ao estudo de grande vaso de corpo parabolóide e de colo cilíndrico estrangulado, atribuído por SPINDLER (1976) ao Neolítico final. Anos volvidos sobre este estudo, os mesmos autores apresentam sumariamente o conjunto dos materiais arqueológicos recolhidos, reproduzindo fotograficamente algumas peças agora estudadas (FERREIRA & CASTRO, 1967). Uma datação pelo radiocarbono efectuada por iniciativa de um de nós (J. L. C.), sobre ossos longos humanos, deu o seguinte resultado (CARDOSO & EISENMANN, 1989):

ICEN - 351 - 6020 (\pm) 120 BP.

o qual, depois de calibrado pela curva de STUIVER & PEARSON (*Radiocarbon*, 35(1), 1993, p. 1 - 23), indica intersecção em 4916 cal AC e os seguintes intervalos:

- para 1 sigma: 5060 - 4780 cal AC;
- para 2 sigma: 5230 - 4670 cal AC (informação da A. Monge Soares, que se agradece).

Tal resultado sugere que, naquela época, o local teria sido também aproveitado como necrópole, provavelmente constituída por pequenas sepulturas individuais a céu aberto, aproveitando as reentrâncias da superfície carsificada das bancadas calcárias. A ser assim, trata-se da primeira vez que tal situação é identificada em Portugal.

2.2 - Gruta do Correio-Mor (Loures)

Trata-se de cavidade cársica destruída pela lavra de pedra de calcários cretácicos, igualmente do Cenomaniano superior. As coordenadas são as seguintes: 38° 49' 44" lat. N; 9° 10' 50" long. W de Greenwich (Fig. 1).

Os materiais agora apresentados foram recolhidos em intervenção de emergência realizada em 1974, sobretudo nas terras desmontadas pela progressão da pedra, que seccionou longitudinalmente a gruta. Não possuem, conseqüentemente, indicações estratigráficas, as quais se resumem a pequeno corte transversal executado no que subsistia do enchimento primitivo (ZBYSZEWSKI *et al.*, 1980/81; FERREIRA & LEITÃO, s/d, p. 138); tal corte permitiu identificar uma sucessão cultural do Mustierense (nível 6) à Idade do Bronze (nível 1). O Neolítico corresponde ao nível 5 do referido corte. A ele se pode reportar uma importante acumulação de carvões e cinzas, resultante de prolongadas combustões efectuadas em área circunscrita do interior da gruta, talvez de carácter habitacional, atendendo à escassez de restos humanos exumados na cavidade.

Datação pelo radiocarbono efectuada em amostra colhida na parte mediana do referido enchimento, forneceu o seguinte resultado:

ICEN - 1099 - 6350 (\pm) 60 BP,

data que, depois de calibrada fazendo uso da curva de STUIVER & PEARSON (*Radiocarbon*, 35 (1), 1993, p. 1 - 23) corresponde a intersecção em 5274 cal AC e aos intervalos, para 2 sigma, de:

5431 - 5393 cal AC; 5388 - 5215 cal AC; 5158 - 5146 cal AC,

todos eles integráveis na segunda metade do sexto milénio AC, período a que pertencerão os materiais arqueológicos agora estudados, o que é corroborado pela respectiva tipologia.

3 - OS MATERIAIS

3.1 - Pedreira das Salemas

Foram seleccionados, de entre os numerosos artefactos líticos conservados nas colecções do Instituto Geológico e Mineiro, duas peças que se enquadram na ocupação neolítica do local: trata-se de um crescente (Fig. 2, nº. 1) e de uma ponta de flecha transversal (Fig. 2, nº. 2), ambas de sílex. Artefactos análogos a esta última, considerados como características do Neolítico, encontram-se entre outros, documentados em pintura de esteio da Orca dos Juncais, Viseu (FERREIRA & LEITÃO, s/d, p. 120) e na oficina de talhe de sílex de época neolítica de Barotas, Leceia (CARDOSO & COSTA, 1992, Est. 1, nº. 2).

As cerâmicas cuja tipologia é atribuível ao Neolítico antigo repartem-se por três formas: os vasos em forma de saco, representados por dois fragmentos com pegas de perfuração horizontal (Fig. 3, nº. 2 e 4); uma taça hemisférica

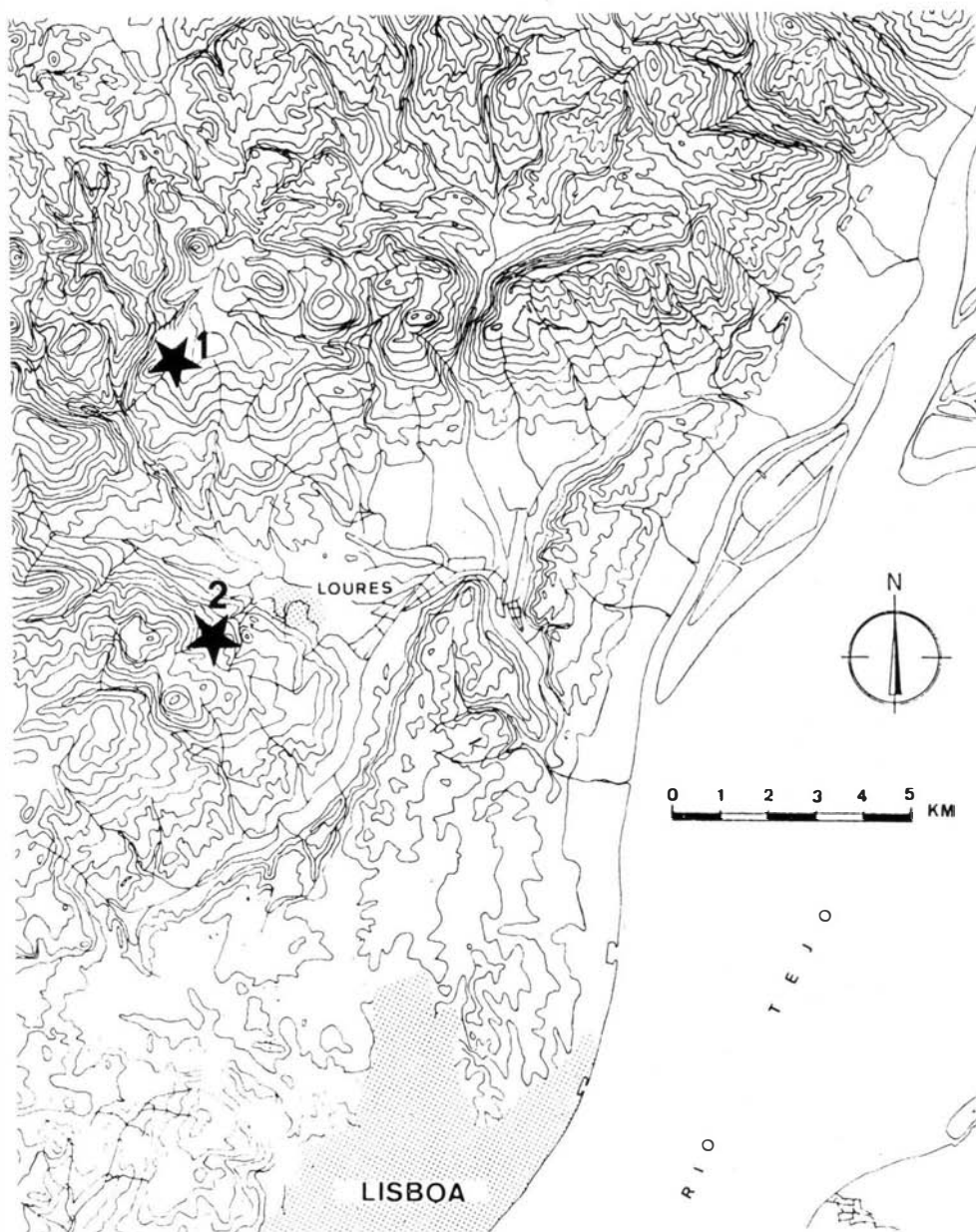
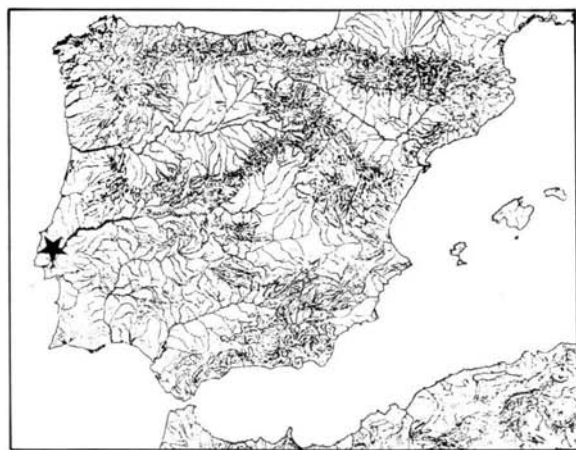


Fig. 1 – Em cima: localização das grutas do Correu-Mor e do povoado das Salemas na Península Ibérica. Em baixo: implantação do povoado das Salemas (1) e da gruta do Correu-Mor (2) na topografia regional.

(Fig. 3, nº. 1) e um esférico de bordo espessado internamente (Fig. 3, nº. 3). Há ainda a referir diversos fragmentos pertencentes a recipientes de forma indeterminada, representados na Fig. 2; as paredes são, frequentemente, espessas, o que é compatível com vasos de armazenamento, de boca pequena.

As técnicas e motivos decorativos justificam os seguintes comentários:

- três fragmentos (Fig. 2, nº. 4 e 8; Fig. 3, nº. 1) apresentam impressões feitas individualmente, por meio de punção arrastado incidindo obliquamente à superfície; nos dois primeiros +fragmentos, tais impressões são tão próximas que configuram linhas incisivas, facto que as identifica com a chamada técnica “boquique”. Têm paralelos em peças do Neolítico da Estremadura e do Sul de Portugal, do concheiro do Cabeço do Pez, Torrão (SANTOS *et al.*, 1974, Est. 4, nº. 7), das grutas naturais estremenhas da Casa da Moura, Peninche e das Bocas, Rio Maior e do povoado do Outeiro da Assenta, Óbidos (CARREIRA, 1994). Exemplos com decoração de “boquique” foram reportados, na Alta Estremadura, ao Neolítico antigo (CARVALHO & ZILHÃO, 1994) e ao Neolítico médio (ZILHÃO & CARVALHO, 1996). No exemplar restante, as impressões produzidas são mais espaçadas, não se sobrepondo, por via da regra. Esta técnica decorativa poderá estar também representada na gruta do Caldeirão em cerâmicas atribuídas por ZILHÃO (1996) ao Neolítico antigo. Porém, os desenhos publicados (Fig. 6.6, nº. 2 e 6.11, nº. 2 e 3, entre outros) não possibilitam melhor apreciação.

- dois fragmentos mostram-se decorados por impressões individuais, em duas linhas imediatamente abaixo do bordo; num dos casos, tais impressões possuem contorno sub-triangular alongado (Fig. 3, nº. 3); no outro, são de configuração sub-elíptica (Fig. 3, nº. 4). Esta técnica, e tais por motivos, são muito abundantes em numerosas estações do Neolítico antigo do território português;

- a terceira técnica respeita à execução de linhas incisivas, organizadas em diversos motivos, avultando as faixas radiais preenchidas interiormente (Fig. 2, nº. 6) e as incisões largas e horizontais, interrompidas por elementos de prensão (Fig. 3, nº. 2). O primeiro motivo encontra paralelos em exemplares da gruta da Furninha, Peninche (CARREIRA & CARDOSO, 1994, Est. 2, nº. 2) e do nível neolítico do povoado de altura de Olelas (SERRÃO & VICENTE, 1958, Est. I, nº. 28 e 29). O segundo motivo, menos expressivo, tem equivalente na gruta da Senhora da Luz, Rio Maior (CARDOSO *et al.*, 1996, Fig. 45, nº. 3). Ambos os motivos têm estreitos paralelos em diversos fragmentos neolíticos do Abrigo Grande das Bocas (CARREIRA, 1994, Est. 12 e 13).

- cordões em relevo - trata-se de decoração plástica, associada a curtas incisões ou impressões que, em três casos, golpeiam o cordão (Fig. 2, nº. 3, 5 e 7) e em outro o marginam, superior e inferiormente (Fig. 3, nº. 4).

Esta temática decorativa encontra expressão frequente em conjuntos cerâmicos do nosso território, do Neolítico antigo ao Neolítico final.

As pastas deste conjunto cerâmico apresentam-se de dureza média a elevada e em geral finas a médias, embora o exemplar de paredes mais espessas (Fig. 2, nº. 7) mostre grãos grosseiros. Entre os e.n.p. abundam grãos de quartzo sub-rolados, excepcionalmente bem rolados, e de feldspatos. Dois fragmentos (Fig. 2, nº. 6 e 7) mostram grãos de minerais ferromagnesianos, sugerindo produções locais ou regionais, a partir de barros resultantes da alteração de rochas basálticas, existentes na zona.

No concernente aos acabamentos superficiais, em geral erodidos, o fragmento da Fig. 3, nº. 3 conserva, parcialmente, restos de almagre avermelhado, na face externa. A tradição de revestir os vasos a almagre, é especialmente importante no Neolítico médio ou final; contudo, encontra-se presente em épocas anteriores, como se documenta em diversas estratigrafias da Andaluzia, datadas pelo radiocarbono. Acresce que, por se tratar de revestimento superficial, é frequente o seu desaparecimento, daí resultando a sua provável sub-representação nos registos arqueológicos.

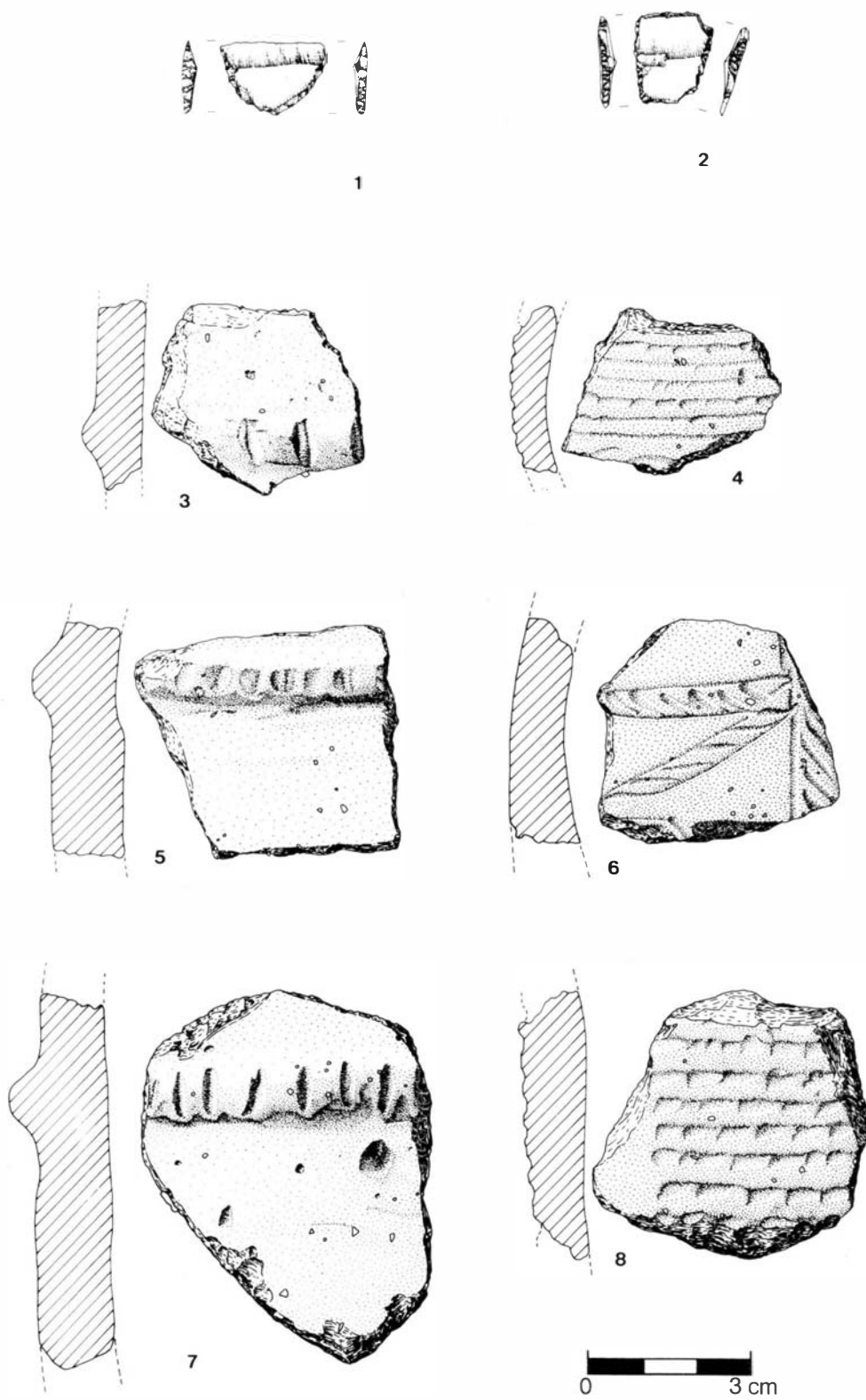


Fig. 2 – Povoado de Salemas. Indústrias microlíticas e cerâmicas neolíticas.

3.2 - Gruta do Correio-Mor

Os materiais cerâmicos agora estudados foram isolados, por critérios tipológicos, considerando a ausência de elementos estratigráficos, dos que representam épocas mais tardias da ocupação da cavidade: o Calcolítico inicial, o Calcolítico final, e as Idades do Bronze e do Ferro. Saliente-se desde já a ausência de cerâmicas características do Neolítico final estremenho com as quais algumas das agora estudadas poderiam encontrar-se associadas. Considerando tal ausência, é-se levado a admitir a integração do conjunto das cerâmicas incisas e impressas em apreço em fase cultural anterior: Tal conclusão é, aliás, comprovada pela datação absoluta obtida, compatível com o Neolítico antigo, não excluindo que alguns pertençam ao Neolítico médio, como sugere a respectiva decoração e forma.

Vasos globulosos de colo cilindróide

Representados por um exemplar de grandes dimensões, conservando uma pega irregular, onde convergem dois cordões plásticos (Fig. 4, nº. 1). Os paralelos mais próximos - exemplares lisos na área correspondente ao fragmento em causa e com pegas e cordões análogos - provêm de Santiago do Cacém (VASCONCELLOS, 1915, Est. 6, nº. 40), e do Cartaxo (FERREIRA, 1970, Fig. 5), ambos recolhidos em contextos desconhecidos mas inquestionavelmente integráveis no Neolítico antigo. Diversos fragmentos de vasos idênticos e igualmente decorados com cordões lisos horizontais provêm da gruta do Carvalho, Turquel (SPINDLER & FERREIRA, 1974, Abb. 28); os referidos autores integram-nos, também, no Neolítico antigo. De entre os exemplares decorados, avulta o vaso de Casével, Condeixa-a-Nova (PESSOA, 1983), igualmente provido de cordões entre elementos de prensão, interrompidos por impressões verticais. Conhecem-se outros exemplares, lisos e decorados, com formato idêntico, porém desprovidos de cordões; no grupo dos exemplares lisos, menciona-se o segundo vaso de Santiago do Cacém (SANTOS, 1985, Fig. 36); quanto aos vasos ornamentados por diversas técnicas e motivos decorativos, são numerosos os exemplares inventariados no território português.

Dois fragmentos, correspondentes à zona do colo, encontram-se decorados pela técnica de “boquique”. Evidenciam recorte mais característico que os exemplares já referidos do povoado das Salemas. Num caso, trata-se de linhas paralelas, obtidas por impressões largas e contínuas (Fig. 7, nº. 3). No outro, a decoração apresenta maior barroquismo, sendo constituída por linhas obtidas por finas impressões sub-triangulares alongadas (Fig. 7, nº. 6). É importante confirmar a presença da técnica de “boquique” no Neolítico antigo do ocidente peninsular, excluída a hipótese de tais fragmentos serem da Idade do Bronze, pelas restantes características que evidenciam.

A aparente associação desta técnica a vasos de colo cilindróide terá o seu paralelo mais próximo no vaso do Neolítico antigo de Casével (PESSOA, 1983, Fig. 3). Com efeito, a ilustração fornecida parece sugerir a presença de “boquique” sob a forma de linhas oblíquas no preenchimento de motivos triangulares situados no colo e sobre as asas.

Refiram-se, ainda, os fragmentos de grandes recipientes (“vasos de provisões”), munidos de elementos de prensão tronco-cónicos (Fig. 4, nº. 2).

Vasos em forma de saco ou de corpo parabolóide

Trata-se de recipientes em regra decorados por motivos incisos, organizados em faixas de folículos horizontais, dispostos em espigas mais ou menos regulares (decoração “em espiga” ou “falsa folha de acácia”). Tal padrão decorativo é muito frequente neste tipo de recipientes e, de modo geral, abundante no Neolítico antigo evolucionado ou de tradição antiga da Estremadura e Sul de Portugal (Fig. 5, nº. 1 e 2; Fig. 6, nº. 2; Fig. 7, nº. 4 e 7), podendo atingir o Neolítico final (SILVA & SOARES, 1986, Fig. 43, nº. 17 a 19; CARREIRA & CARDOSO, 1994). Dois fragmentos possuem pegas bem pronunciadas, apresentando-se lisos na parte conservada (Fig. 6, nº. 1; Fig. 8, nº. 3).

Esféricos

Representados por três exemplares, todos com decoração incisa; dois exibem decoração fina (Fig. 6, nº. 3; Fig. 9, nº. 5), constituída por traços oblíquos, num dos casos acompanhados por outros, muito curtos e verticais, sobre o lábio (Fig. 6, nº. 3). No terceiro (Fig. 9, nº. 6), a decoração limita-se a uma depressão larga e pouco profunda, paralela ao bordo e situada logo abaixo dele. É considerada característica da Fase Comporta I, representada no sítio

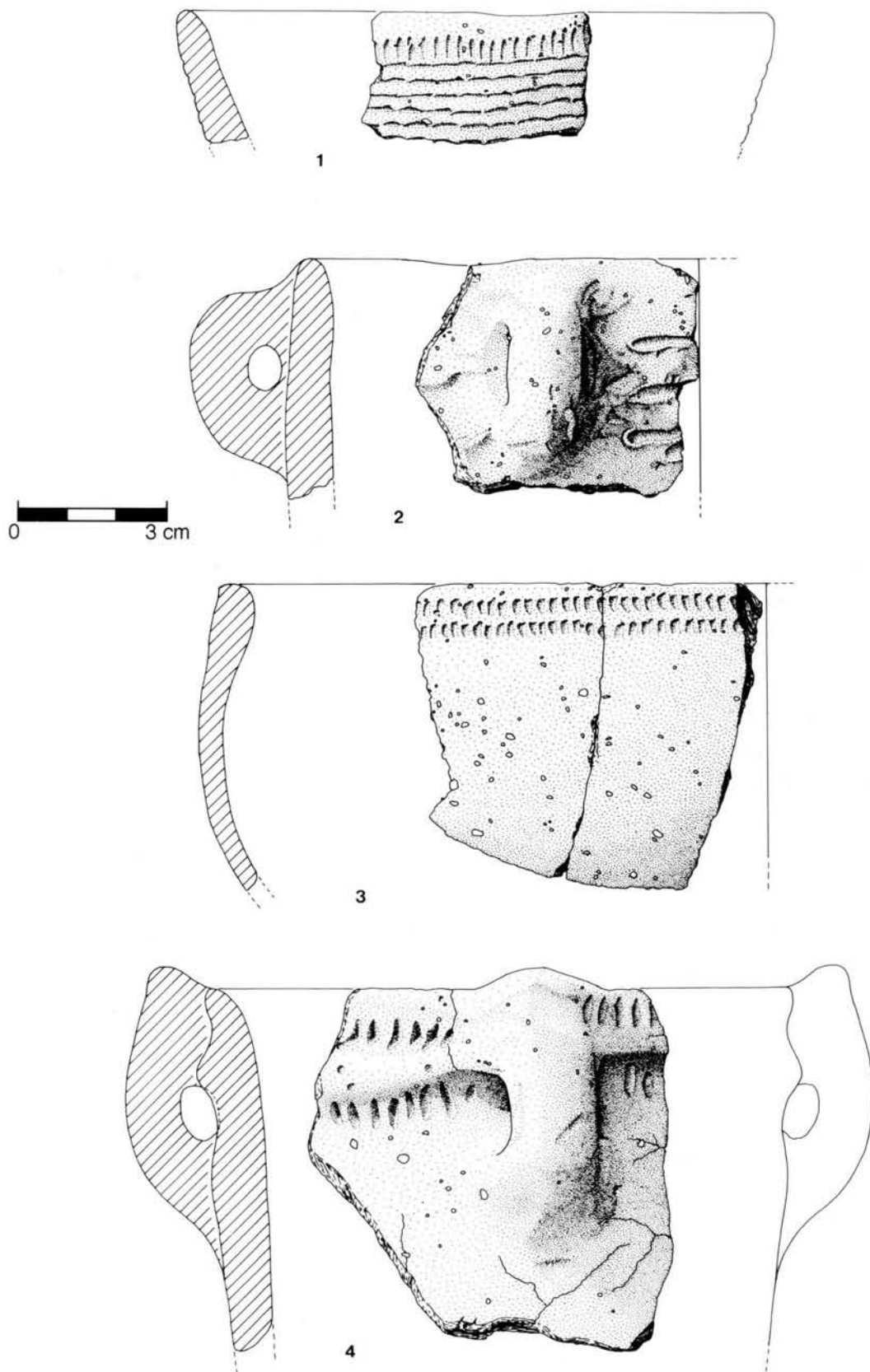


Fig. 3 – Povoado de Salemas. Cerâmicas neolíticas.

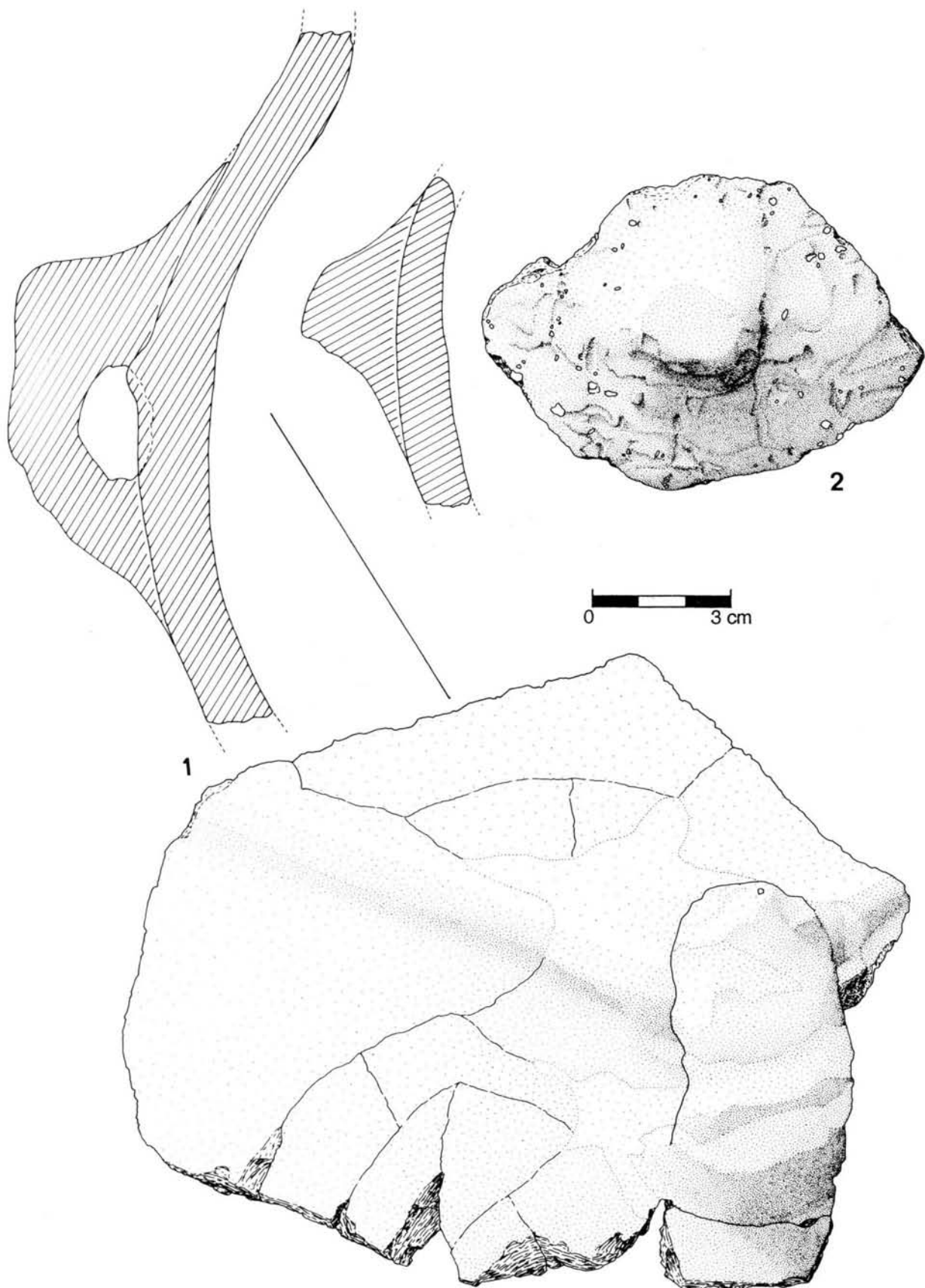


Fig. 4 – Gruta do Correio-Mor. Cerâmicas neolíticas.

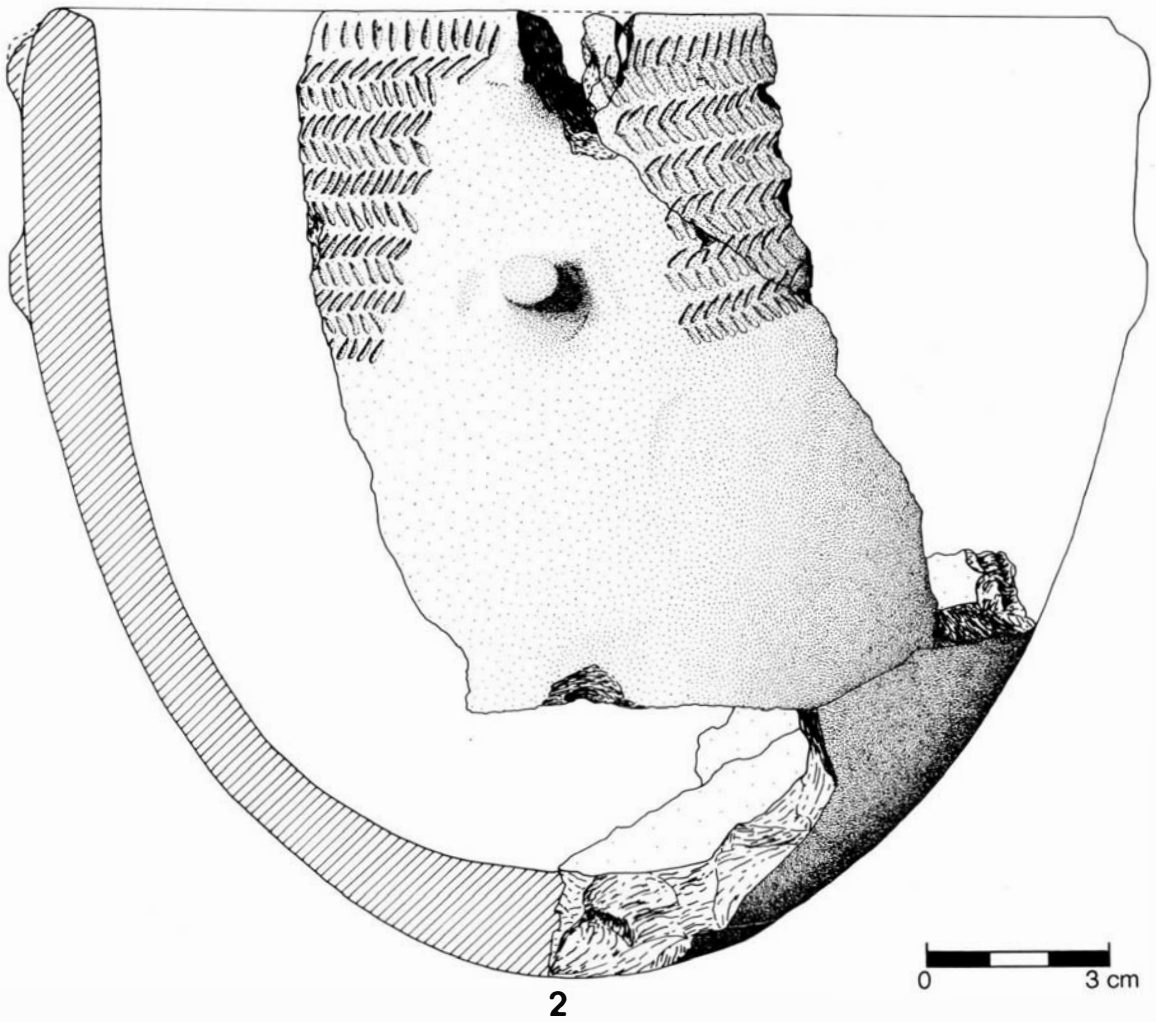
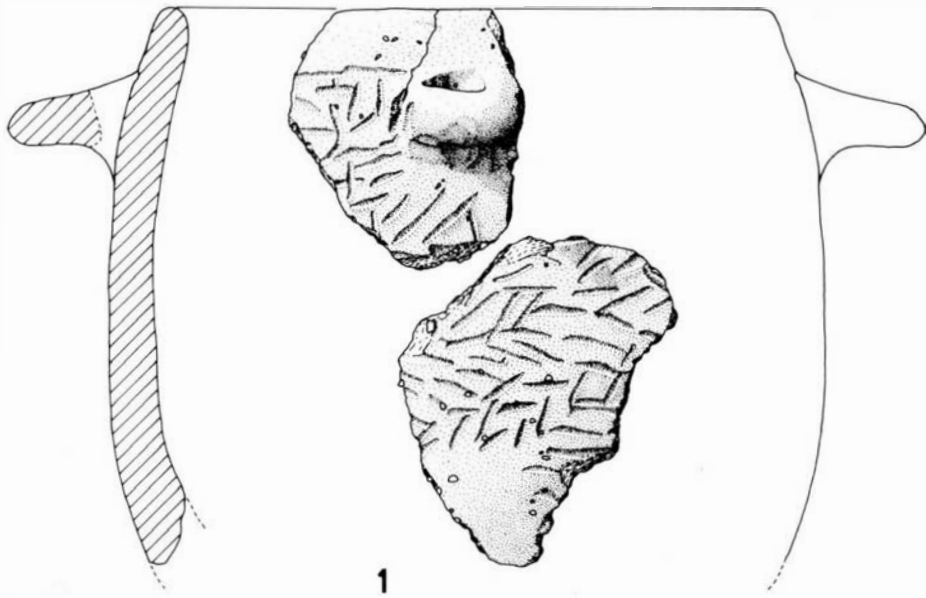


Fig. 5 – Gruta do Correio-Mor. Cerâmicas neolíticas.

do Pontal, datado pelo radiocarbono de CSIC - 648 - 4930 ± 50 BP (SILVA *et al.*, 1986). A calibração desta data, a dois sigma, conduziu ao intervalo de 3909 - 3640 cal AC (SOARES, 1993), o qual situa a ocupação do sítio no Neolítico médio. A mesma atribuição cultural foi apresentada para exemplares da Alta Estremadura (ZILHÃO & CARVALHO, 1996, Fig. 3, nº. 7 a 10). Contudo, esta decoração ocorre, no sul do País, desde o Neolítico antigo evolucionado, no povoado aberto da Salema, Sines, onde se exumaram numerosos exemplares, tanto de esféricos como de taças (SOARES & SILVA, 1979, Fig. 24), também conhecidos em outras estações da região de Sines, como Vale Vistoso e nos níveis superiores de Vale Pincel I.

Taças

Representadas por três exemplares incisos (Fig. 6, nº. 4 e 5; Fig. 8, nº. 2). As decorações correspondem em dois casos a faixas horizontais, imediatamente abaixo do bordo, preenchidas interiormente ora por linhas em zigue-zague verticais ora por linhas oblíquas. O terceiro exemplar (Fig. 6, nº. 5) ostenta decoração mais barroca, mas muito irregular, essencialmente constituída por faixas ondulantes, preenchidas interiormente, partindo de linha horizontal situada abaixo do bordo. Trata-se de motivo peculiar, e pouco frequente; os paralelos mais próximos correspondem a um fragmento neolítico da gruta da Furninha, Peniche (DELGADO, 1884, Pl. 13, nº. 109) e a outros, exumados no povoado do Neolítico antigo de S. Pedro de Canaferrim, no recinto do Castelo dos Mouros, Sintra, em exposição no Museu Regional de Sintra (observados em Março de 1996).

Vasos de corpo cilindróide a tronco-cónico

Grupo representado por exemplares de bordo simples (Fig. 8, nº.1; Fig. 9, nº. 3 e 4) ou de tendência extrovertida (Fig. 8, nº. 4 e 5). Presente a técnica incisa, em quatro exemplares, correspondendo a linhas oblíquas (Fig. 8, nº. 4), sub-verticais (Fig. 8, nº. 5) ou horizontais (Fig. 8, nº. 1; Fig. 9, nº. 3). Os dois últimos ostentam motivos complementares, representados por linhas incisas onduladas irregulares (Fig. 8, nº. 5), idênticas às do exemplar da Fig. 6, nº. 5 ou por impressões punctiformes enquadrando superior e inferiormente idênticas linhas horizontais (Fig. 9, nº. 3). A associação destas duas técnicas e dos motivos decorativos respectivos verifica-se em exemplares do Calcolítico inicial da Estremadura, em Leceia (CARDOSO, 1989, Fig. 115, nº. 6), em taças caneladas que diferem do presente fragmento tanto no tamanho, como na forma e características da pasta (muito mais depurada). Terá paralelos nas cerâmicas do Neolítico médio da Ramalha, Almada (inf. pessoal de C. Tavares da Silva, a quem se agradece), bem como na camada C da gruta do Cadaval, Tomar (OOSTERBEEK, 1995, Pl. 81). Este último paralelo, datado pelo radiocarbono entre 4200 e 3800 BP (*idem*, p. 117) é particularmente próximo do exemplar da Fig. 9, nº. 3, sugerindo a existência de relações Norte-Sul, entre a Baixa Estremadura e o Alto Ribatejo, no decurso do Neolítico médio. Por seu turno, os exemplares da Fig. 8, nº. 4 e 5, antes referidos, têm paralelos naquela mesma gruta e camada (*idem*, Pl. 79), reforçando as aludidas relações entre as duas regiões.

Formas indeterminadas

Trata-se de fragmentos que, pela sua pequenez, não permitem identificação segura da forma. Todos ostentam decorações incisas, por vezes associadas a motivos impressos (Fig. 7, nº. 1). Apenas um fragmento é decorado por impressões unguiformes opostas (Fig. 7, nº. 5), motivo com larga diacronia; sendo essencialmente de época neolítica (SANTOS *et al.*, 1974, Est. 1, nº. 4), atingiu o Calcolítico pleno ou mesmo o Calcolítico final (CARDOSO *et al.*, 1993; ARNAUD, 1993); avultam os fragmentos do abrigo Grande das Bocas, atribuídos ao Neolítico de tradição antiga, pela semelhança das pastas e cozeduras (CARREIRA, 1994). De facto, a maioria dos fragmentos em apreço tem paralelos em conjuntos do Neolítico antigo. É o caso da decoração de faixas paralelas preenchidas interiormente por impressões oblíquas sub-ovulares (Fig. 7, nº. 8); um dos raros paralelos provém do povoado do Alto das Bocas (*idem*, Est. 37, nº. 1). Com efeito, em geral, o preenchimento interior é feito por curtos traços incisos e não, como se observa no exemplar em causa, por impressões. Outro paralelo provém da camada inferior de Olelas (CARREIRA & CARDOSO, 1994, Est. 4, nº. 12), onde as bandas horizontais se encontram sobrepostas por friso de triângulos, igualmente preenchidos interiormente por impressões, evocando exemplares da gruta da Furninha, muito embora nestes os referidos preenchimentos tenham sido obtidos pela técnica incisa (CARREIRA & CARDOSO, 1994, Est. 2, nº. 2 e 7).

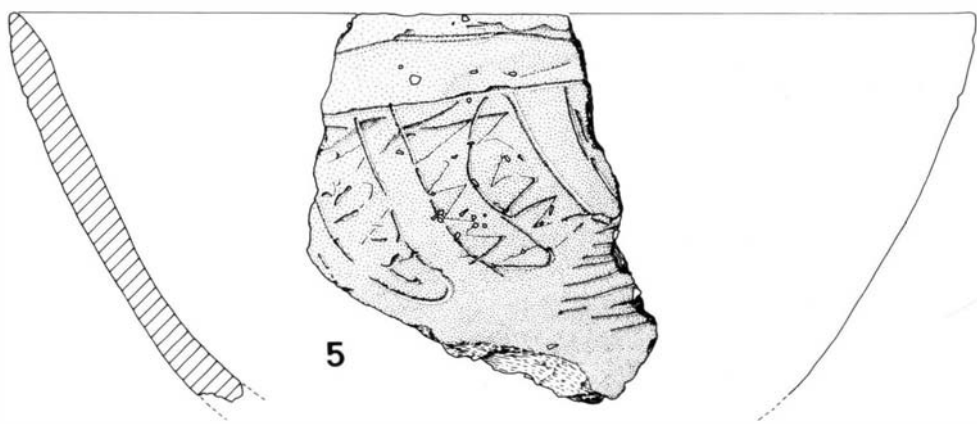
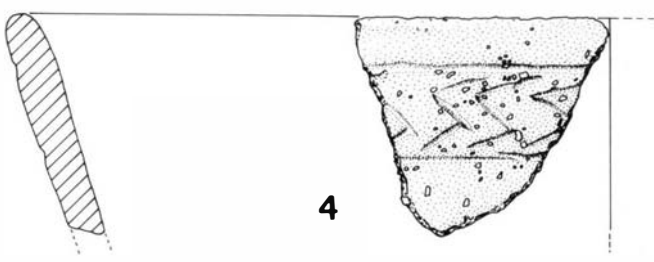
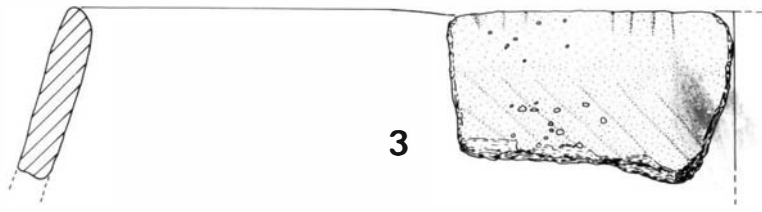
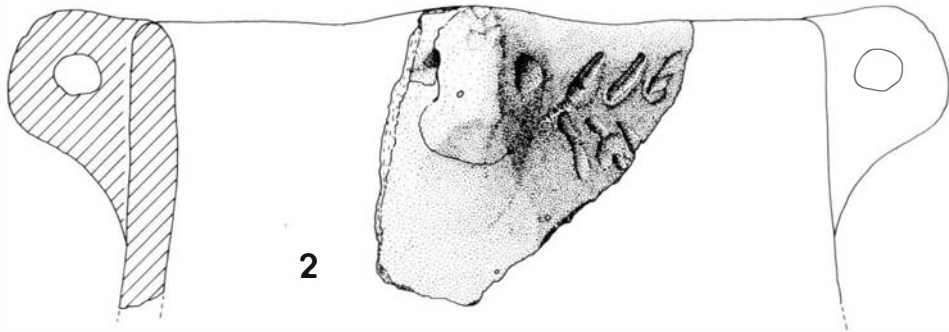
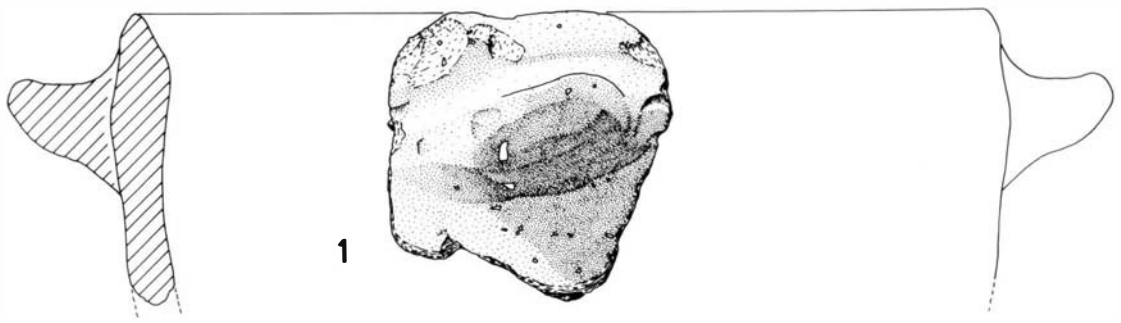


Fig. 6 – Gruta do Correio-Mor. Cerâmicas neolíticas.

As incisões em espiga são frequentes (Fig. 7, nº. 4 e 7), pertencendo provavelmente, como as anteriores, a vasos em forma de saco.

O fragmento de bordo espessado e extrovertido, decorado por curtas incisões na frente externa do lábio (Fig. 7, nº. 11), exhibe analogia com fragmento do Neolítico antigo do Vale Pincel 1, Sines (SOARES & SILVA, 1979, Fig. 13, nº. 4), diferindo dos característicos exemplares de bordos denteados do Neolítico final da Estremadura.

Dois fragmentos (Fig. 9, nº. 1 e 2), provavelmente pertencentes ao fundo de um mesmo vaso em forma de saco ou de corpo parabolóide, ostentam uma decoração de grinaldas feitas segundo técnica peculiar: num fragmento (Fig. 9, nº. 1), a grinalda foi obtida por combinação de traços incisivos, em geral curtos, enquanto no outro exemplar uma fina linha incisa e curvilínea serviu de guia a múltiplas incisões curtas, produzidas de ambos lados (Fig. 9, nº. 2). Desconhecemos paralelos nas estações neolíticas portuguesas para esta técnica decorativa, apesar dela ser conhecida em diversos contextos neolíticos peninsulares.

As pastas apresentam-se em geral algo friáveis, sendo muito grosseiras nos exemplares de maiores dimensões, onde avultam grãos de grandes dimensões, de quartzo, sub-rolados. Ocorrem, na maior parte dos casos, grãos de feldspato, frequentemente alterados pela cozedura.

Pastas compactas e finas são muito raras ou inexistentes; mesmo os exemplares de paredes mais finas possuem grandes grãos quartzosos, disfarçados por acabamento superficial cuidado (incluindo engobe). São muito raros os fragmentos com minerais ferromagnesianos. As colorações superficiais do lado externo são predominantemente castanho-avermelhadas, sendo tendencialmente mais escuras do lado interno e no núcleo.

4 - DISCUSSÃO

Este capítulo pode subdividir-se na discussão dos seguintes aspectos:

- funcionalidade das estações;
- cronologia;
- integração cultural.

No que respeita à funcionalidade, as duas estações assumem características muito diversas; nas Salemas, os materiais cerâmicos indicam um povoado de altura, do Neolítico epicardial ou Neolítico antigo evolucionado, situado no rebordo da extensa plataforma calcária, dominando o vale da ribeira de Loures e a várzea situada a jusante. A presença de ossos humanos no local sugere enterramentos em fossa, na zona do habitat ou nas suas imediações.

A gruta do Correio-Mor implanta-se também no rebordo de relevo calcário, igualmente dominante da várzea de Loures, situada a oriente. A ocupação do Neolítico antigo da cavidade corresponderá, predominantemente, a actividades de carácter doméstico. Com efeito, além do espólio antropológico, faltam os objectos de adorno e outros materiais votivos que usualmente ocorrem em grutas com ocupações do Neolítico antigo utilizadas com necrópoles, como a gruta do Caldeirão ou a do Almonda (ZILHÃO, 1992). A existência de importante depósito de cinzas e carvões, relacionado com a prática do fogo, reforça o carácter doméstico da referida ocupação.

Quanto à cronologia, apesar de não se poder seguramente relacionar as duas datas de radiocarbono obtidas com os materiais cerâmicos agora estudados, ambas são compatíveis com a tipologia da maioria destes. Assim, a data obtida para ossos longos humanos das Salemas, cerca de 6000 BP integra-se no Neolítico antigo evolucionado, ou Neolítico epicardial, fase cultural onde, sem dificuldade, se podem – com raras excepções – inserir as cerâmicas incisivas e impressas apresentadas.

A data obtida para a parte média do enchimento de cinzas e carvões identificado na gruta do Correio-Mor, cerca de 6300 BP situa a respectiva ocupação em momento precoce da referida fase cultural, imediatamente posterior à fase cardial que, para GUILAINE & FERREIRA (1970) e ZILHÃO (1992), representa o início do Neolítico na Estremadura. Com efeito, dos materiais cerâmicos exumados na gruta do Correio-Mor estão excluídos fragmentos com decoração cardial, ao contrário do anteriormente admitido (FERREIRA & LEITÃO, s/d, p. 139).

No respeitante ao território português, tem-se discutido muito a anterioridade ou não das cerâmicas cardiais

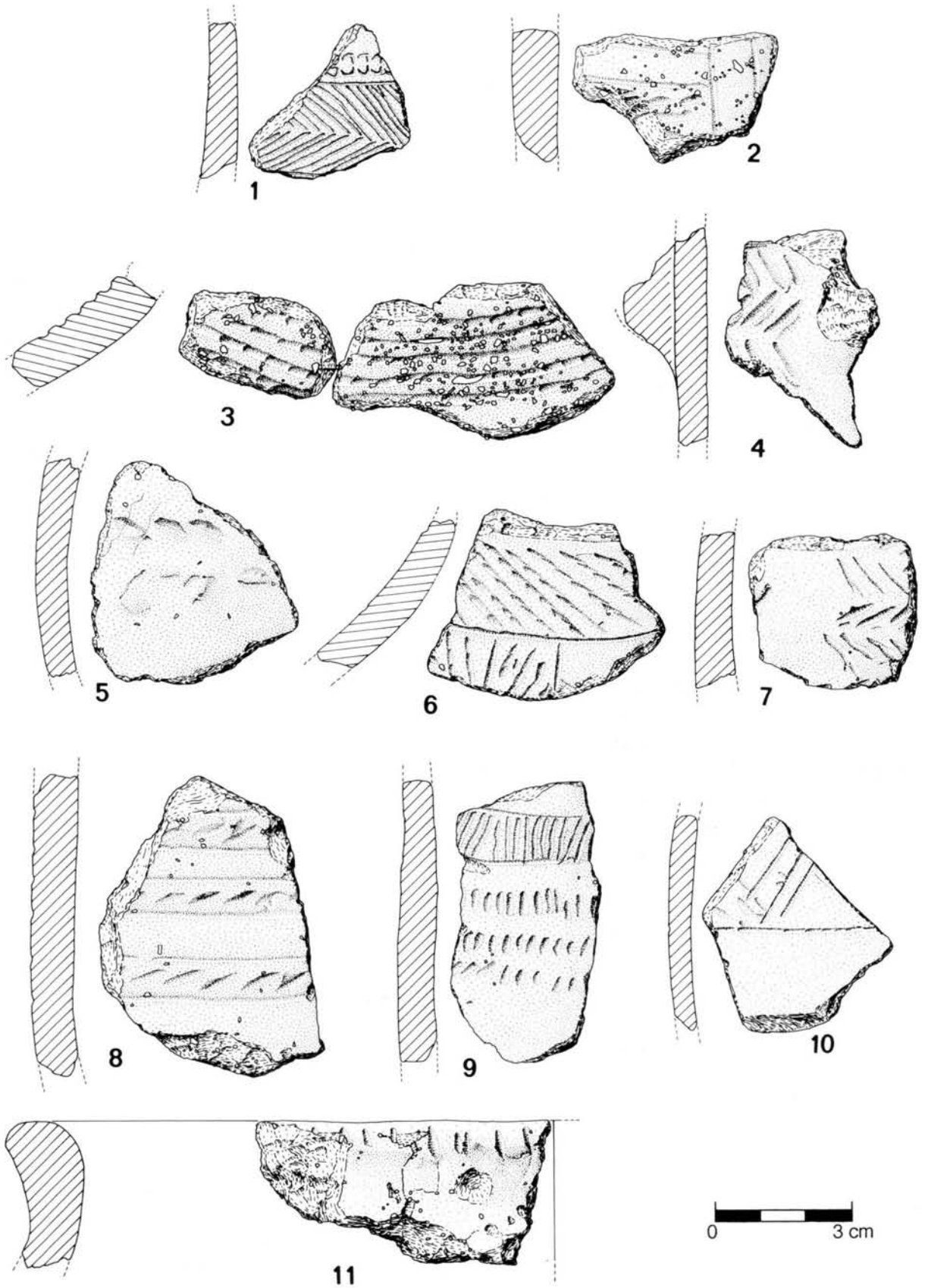


Fig. 7 – Gruta do Correio-Mor. Cerâmicas neolíticas.

fase as decoradas por outras técnicas. Porém, a questão só poderá ser cabalmente apreciada à luz de contextos estratigrafados e de datações absolutas de melhor qualidade e em maior número das actualmente disponíveis. De momento, a aceitarmos as datas obtidas na gruta do Caldeirão para o horizonte NA2 como correspondentes ao conjunto cardial atribuído àquele horizonte, verifica-se que são estatisticamente idênticas à do Correio-Mor, onde faltam, como vimos, as decorações cardiais. A mesma conclusão é extensível a conjuntos doutras regiões do País. Para a região em apreço, salientam-se as duas datas de radiocarbono recentemente obtidas no povoado de altura do Neolítico antigo de S. Pedro de Canaferrim, Sintra, estatisticamente idênticas (SIMÕES, 1995):

ICEN - 1152 - 6070 ± 60 BP (= 5200 - 4830 cal AC, para 2 σ);

ICEN - 1151 - 6020 ± 60 BP (= 5060 - 4780 cal AC, para 2 σ);

Tais datas levaram a Autora a concluir que "... a presença/ausência de cerâmicas impressas com *Cerastoderma edule* não deverá ser sistematicamente utilizada como indicador cronológico, fazendo avançar na diacronia todos os conjuntos em que não se encontrem representadas". Com efeito, as datas correspondentes a tal conjunto serão coevas de algumas datas correlacionadas com o contexto cardial da gruta do Caldeirão, o qual é integrável em época avançada no conjunto daquelas cerâmicas (tenha-se em vista a data Sac - 1321 (já corrigida pelo efeito de reservatório) - 6550 ± 70 BP, da estação com cerâmicas cardiais de Cabranosa, Sagres, mais antiga do que qualquer das obtidas naquela gruta), recentemente obtida por iniciativa de um de nós (J. L. C.). Deste modo, é lícito aceitar que a estação neolítica de S. Pedro pertence a fase do Neolítico antigo, quando as cerâmicas cardiais ainda eram produzidas noutros locais. Tal conclusão é reforçada pela data obtida no Correio-Mor, estação de onde estão ausentes cerâmicas cardiais.

As estações de Salemas e da gruta do Correio-Mor testemunham a presença de comunidades que, no Neolítico antigo, se fixaram no rebordo de plataformas calcárias, em locais de onde visualmente poderiam dominar a fértil várzea de Loures.

No quadro de uma crescente economia agro-pastoril, tais locais poderiam corresponder à expansão de grupos humanos que, em determinada época do ano desenvolveriam actividades especializadas relacionadas com a pastorícia. Assim, enquanto a gruta do Correio-Mor poderia ser usada tão-somente como abrigo de pastores, as Salemas constituiria local de estacionamento a quem, da planície, quisesse atingir as terras altas que a circundam, podendo, deste modo, corresponder a povoado a partir do qual, à semelhança do observado na zona do Arrife "... era possível realizar a exploração de dois territórios de potencialidades distintas mas complementares" (agrícolas nas terras baixas, pastoris na serra) (ZILHÃO & CARVALHO, 1996, p. 667) e, portanto possuir carácter permanente.

Esta estratégia de ocupação tem equivalente em outros contextos naturais idênticos da Estremadura: um deles pode encontrar-se no Alto das Bocas, Rio Maior onde, de ambos os lados de uma profunda garganta se dispõem duas elevações, ambas com importantes testemunhos de ocupação do Neolítico antigo, de onde se domina a vasta bacia de Rio Maior.

Mais próximo da área em apreço situa-se o povoado de São Pedro de Canaferrim, Sintra, intramuros do Castelo dos Mouros, cuja ocupação do Neolítico antigo, em sítio notoriamente de altura, se quadra bem no contexto interpretativo atrás referido: Segundo SIMÕES (1995), tratava-se de uma ocupação estival intensa, relacionada com o pastoreio de ovinos e caprinos, subsistindo a respectiva comunidade da exploração dos recursos da serra, incluindo a caça.

5 - CONCLUSÕES

1 - Neste trabalho estudam-se dois conjuntos, essencialmente cerâmicos, recolhidos em dois sítios do concelho de Loures, distanciados cerca de 5 km, o povoado da Pedreira das Salemas e a gruta do Correio-Mor; relativamente à natureza das ocupações é de salientar, nas Salemas, a presença de ossos humanos nos anfractuosidades da antiga superfície calcária; tal situação configura a existência de enterramentos junto da área habitada, em fosso, situação que até ao presente ainda não tinha sido registada no território português, embora se conheçam numerosos paralelos extra-peninsulares. No concernente à gruta do Correio-Mor, a sua atribuição a recinto funerário fica prejudicada pela escassez de restos

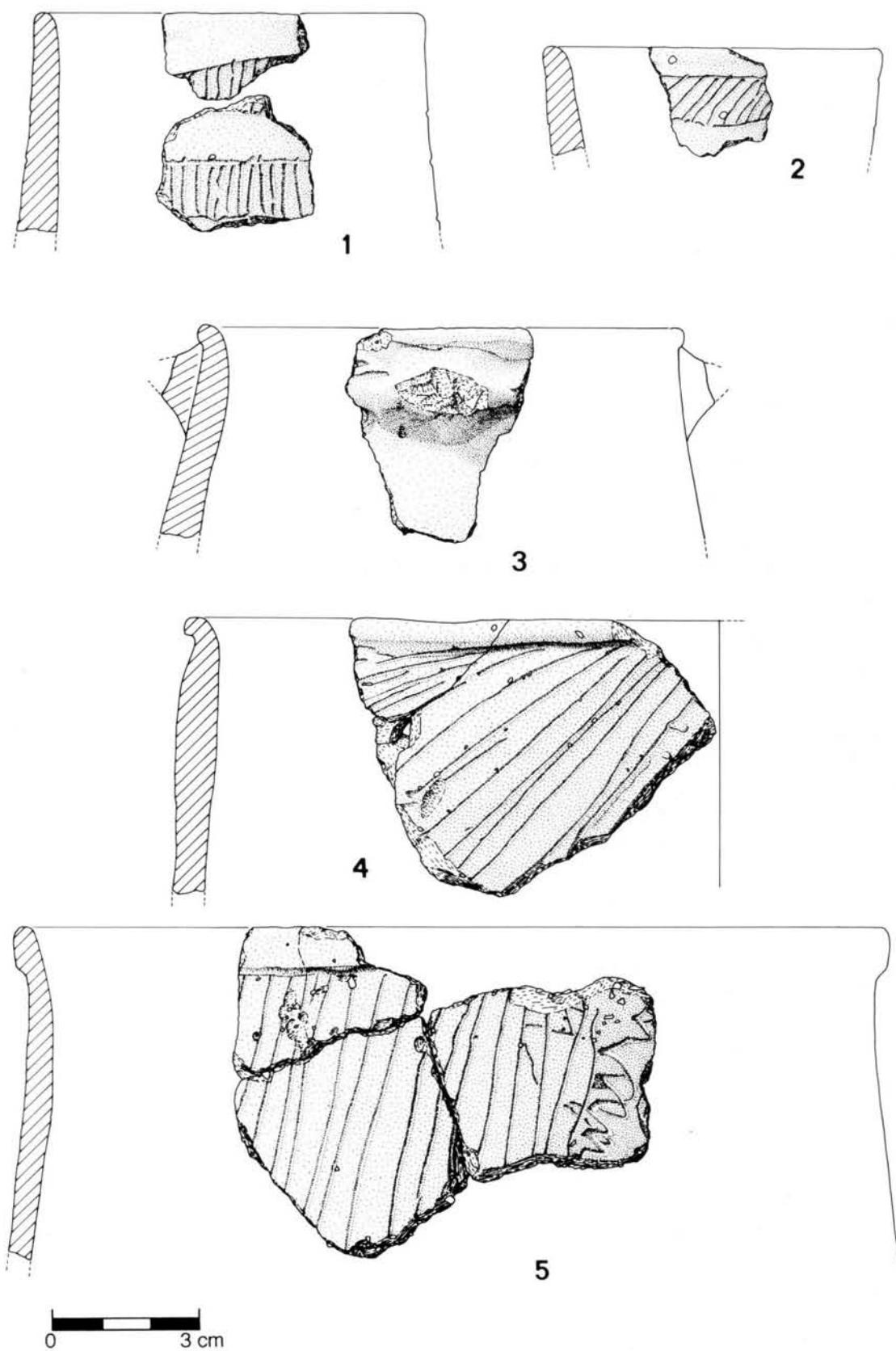


Fig. 8 – Gruta do Correio-Mor. Cerâmicas neolíticas.

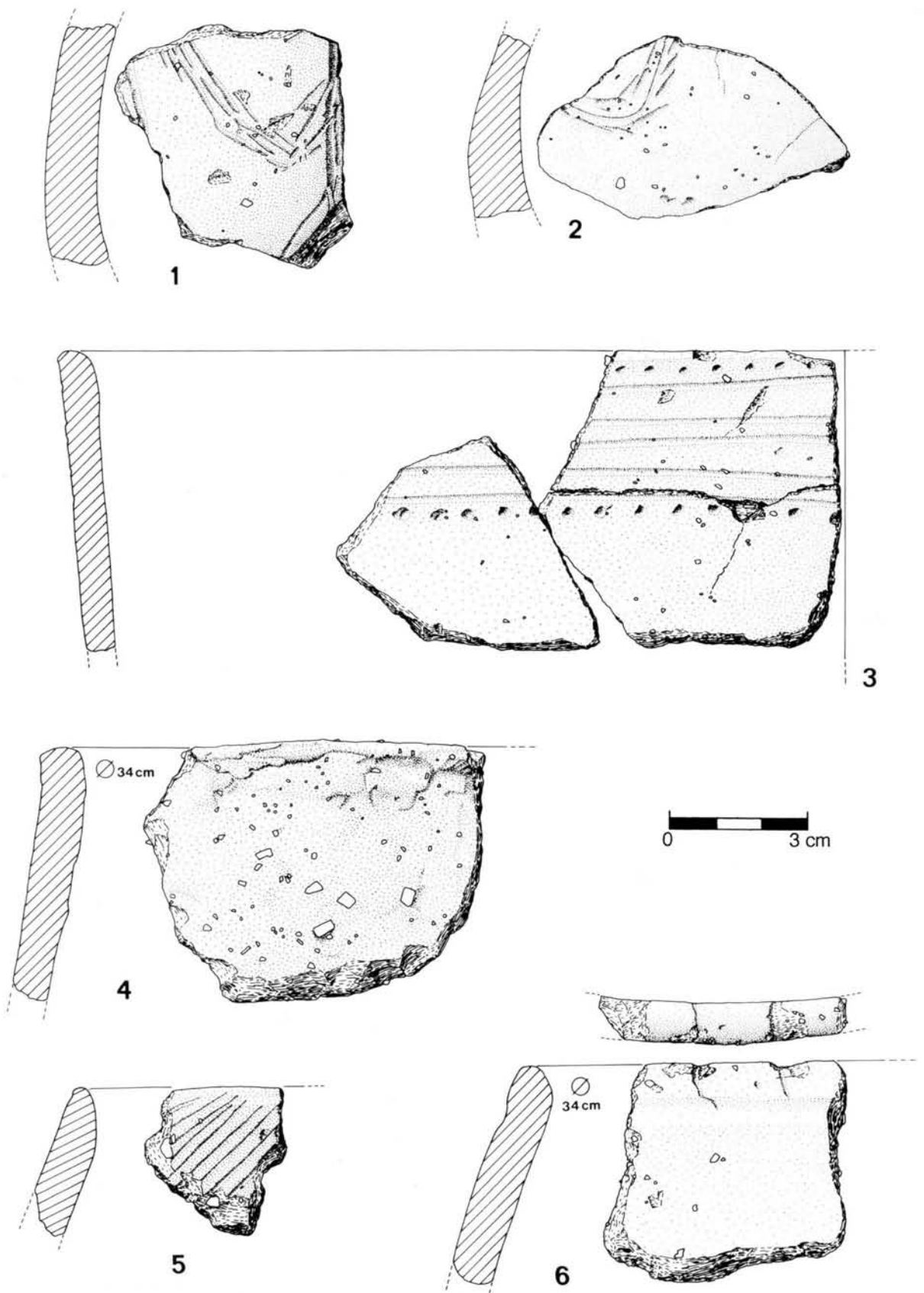


Fig. 9 – Gruta do Correio-Mor. Cerâmicas neolíticas.

humanos – que aliás poderão pertencer a outras épocas – bem como de elementos de adorno ou oferendas votivas coevas. Além disso, a existência de um importante cinzeiro, no interior da gruta, datado pelo radiocarbono do Neolítico antigo, parece reforçar o carácter doméstico da presença humana;

2 - As datações disponíveis para ambos os locais mostram a sua ocupação durante o Neolítico antigo. Tais datações são compatíveis com a tipologia dos materiais cerâmicos estudados;

3 - Com efeito, as cerâmicas incisas e impressas estudadas podem considerar-se, por critérios tipológicos, anteriores ao Neolítico final. Tal conclusão é, sobretudo, legítima para o caso da gruta do Correio-Mor, onde se desconhecem materiais típicos desta fase cultural, tendo em consideração a abundância noutras estações próximas, de cerâmicas dela características, designadamente vasos de bordo denteado e a taça carenada. A ausência de cerâmicas cardiais, em ambos os sítios, terá explicações diferentes. Com efeito, o povoado de Salemas teria sido ocupado em época em que aquelas cerâmicas já não se produziam, enquanto que a data obtida na gruta do Correio-Mor é estatisticamente idêntica às datas da gruta do Caldeirão que foram correlacionadas com vasos cardiais (horizonte NA2);

4 - Aceitando que se trate, na maioria, de materiais do Neolítico antigo evolucionado, cuja grande variabilidade decorativa sugere conjuntos iniciais muito mais numerosos, é de destacar a implantação topográfica dos respectivos locais. Trata-se de sítios de altura e de grande visibilidade, contrariando a tradicional perspectiva que faz corresponder as implantações domésticas daquela época exclusivamente a sítios baixos, na adjacência de várzeas ou de linhas de água;

5 - Alguns fragmentos integram, por critérios comparativos, o Neolítico médio; as decorações, muito mais pobres e esquemáticas, corroboram o pressuposto do declínio da tradição decorativa que, no chamado Neolítico antigo evolucionado, conheceu momento de franco florescimento e barroquismo.

BIBLIOGRAFIA

ARNAUD, J. M. (1993) - O povoado calcolítico do Porto Torrão (Ferreira do Alentejo): síntese das investigações realizadas. *Vipasca*, 2, p. 41-60.

CARDOSO, J. L. (1989) - *Leceia. Resultados das escavações realizadas 1983-1988*. Câmara Municipal de Oeiras.

CARDOSO, J. L. & COSTA, J. B. (1992) - Estação pré-histórica de Barotas (Oeiras). *Setúbal Arqueológica*, 9/10, p. 229-245.

CARDOSO, J. L. & EISENMANN, V. (1989) - *Equus caballus antunesi*, nouvelle sous-espèce quaternaire du Portugal. *Palaeovertebrata*, 19 (2), p. 47-72.

CARDOSO, J. L.; CARREIRA, J. R. & FERREIRA, O. da Veiga (1993) - Cerâmicas ungladas do povoado calcolítico da Penha Verde. *Al-Madan*, II Série, 2, p. 35-38.

CARDOSO, J. L.; CARREIRA, J. R. & FERREIRA, O. da Veiga (1996) - O espólio arqueológico das grutas naturais da Senhora da Luz (Rio Maior). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 6, p. 195-256.

CARREIRA, J. R. (1994) - A Pré-história recente do Abrigo Grande das Bocas (Rio Maior). *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 2, p. 47-144.

CARREIRA, J. R. & CARDOSO, J. L. (1994) - Sobre a existência de cerâmicas impressas e incisas no Neolítico final estremenho. *Actas das IV Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1993), 2, p. 69-78.

CARVALHO, A. M. F. & ZILHÃO, J. (1994) - O povoado neolítico do Laranjal de Cabeça das Pias (Vale da Serra, Torres Novas). *Actas das V Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1993), 2, p. 53-68.

- CASTRO, L. de Albuquerque e & FERREIRA, O. da Veiga (1959) – Vaso de tipo neolítico do Alto da Toupeira-Lousa. *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia* (Lisboa, 1958), 1, p. 109-110.
- DELGADO, J. F. N. (1884) – La grotte de Furninha a Peninche. *Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie préhistoriques. Compte-Rendu de la neuvième session* (Lisbonne, 1880), p. 207-277.
- FERREIRA, O. da Veiga (1970) – Acerca dos vasos globulares com asas perfuradas e ornamentação em “falsa folha de acácia”. *Actas das I Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1969), 1, p. 227-237.
- FERREIRA, O. da Veiga & CASTRO, L. de Albuquerque e (1967) – O povoado neo-eneolítico das Salemas (Ponte de Lousa). *Revista de Guimarães*, 77 (1/2), p. 39-45.
- FERREIRA, O. da Veiga & LEITÃO, M. (s/d) – *Portugal pré-histórico. Seu enquadramento no Mediterrâneo*. Publicações Europa-América. Mem Martins.
- GUILAINE, J. & FERREIRA, O. da Veiga (1970) – Le Néolithique ancien au Portugal. *Bull. Soc. Préhistorique Française*, 67 (1), p. 304-322.
- OOSTERBEEK, L. (1995) – *Echos from the East; the western network*. University College. Londres.
- PESSOA, M. (1983) – Vaso neolítico de Casével. *Arqueologia*, 7, p. 16-23.
- SANTOS, M. Farinha dos (1985) – Pré-história de Portugal. 2ª edição. *Verbo*. Lisboa.
- SERRÃO, E. da Cunha & VICENTE, E. Prescott (1958) – O castro eneolítico de Olelas. Primeiras escavações. *Comunic. Serv. Geol. Port.*, 39, p. 87-128.
- SILVA, C. Tavares da; SOARES, J.; CARDOSO, J. L.; CRUZ, C. S. & REIS, C. A. S. (1986) – **Neolítico da Comporta**: aspectos cronológicos (datas 14C) e paleoambientais. *Arqueologia*, 14, p. 59-82.
- SIMÕES, T. (1995) – O sítio neolítico de São Pedro de Canaferrim (Sintra). *Comunicação apresentada ao (I Congrès del Neolític a la Península Ibèrica* (Gavá-Bellaterra, 1995). No prelo.
- SOARES, A. M. Monge (1993) – Datações absolutas para os IV e III milénios AC: uma análise crítica. Conferência apresentada ao 1º *Simpósio “Transformação e Mudança”* (Cascais, 1993). Faculdade de Letras de Lisboa/Câmara Municipal de Cascais (em publicação).
- SOARES, J. & SILVA, C. Tavares da (1979) – Alguns aspectos do Neolítico antigo do Alentejo litoral. *Trabalhos do Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto*, 3, p. 9-52.
- SPINDLER, K. (1976) – Die Neolitische Parede - gruppe in Mittelportugal. *Madriider Mitteilungen*, 17, p. 21-75.
- VASCONCELLOS, J. Leite de (1915) – *História do Museu Etnológico Português* (1893-1914). Imprensa Nacional. Lisboa.
- ZBYSZEWSKI, G.; LEITÃO, M.; PENALVA, C. & FERREIRA, O. da Veiga (1980/81) – Paleo-anthropologie du Würm au Portugal. *Setúbal Arqueológica*, 6/7, p. 7-28.
- ZILHÃO, J. (1992) – *Gruta do Caldeirão. O Neolítico antigo*. *Trabalhos de Arqueologia*, 6. Departamento de Arqueologia/IPPAR. Lisboa.
- ZILHÃO, J. & CARVALHO, A. M. F. (1996) – O Neolítico do Maciço Calcário Estremenho. Crono-estratigrafia e povoamento. *I Congrès del Neolític a la Península Ibèrica* (Gavá-Bellaterra, 1995). *Rubricatum*, 1(2), p. 659-671.